

Monólogo Homem

Se for preciso, lutarei para manter o meu cargo no banco como se estivesse a lutar pela minha vida. E não é só pelo salário. Isso é o menos importante. Mas por outra coisa que... Bem, vou-lhe dizer. A Sra. naturalmente sabe, assim como toda a gente, que uma vez, há muitos anos, eu cometi uma... imprudência.

O caso não chegou aos tribunais, mas imediatamente fecharam-se-me todas as portas. Por isso, comecei a dedicar-me ao tipo de negócios que a Sra. sabe. Eu tinha que fazer alguma coisa para sobreviver, e posso dizer que não fui pior do que os outros. Mas, agora, preciso de me livrar de tudo isso. Os meus filhos estão a crescer e por eles eu tenho que recuperar a minha reputação... burguesa. O cargo no banco era o primeiro degrau. E agora o seu marido quer empurrar-me escada abaixo, de volta à lama.

Vou dizer-lhe outra vez, quero reabilitar-me, Sra. Helmer. Quero começar de novo, subir na vida... e o seu marido tem de me ajudar. Este tempo todo lutei sozinho, nas condições mais difíceis. Estava contente por subir de novo, passo a passo, trabalhando.

Bem, está avisada. É melhor não fazer nenhuma tolice. Quando o Helmer receber a minha carta, eu espero que me chame. E não se esqueça de que foi o seu marido quem me obrigou a voltar ao velho caminho. Disso eu nunca o vou perdoar. Boa noite, minha senhora.

(Texto adaptado de *Casa de Bonecas* de Henrik Ibsen)

Monólogo Mulher

Estamos casado há oito anos. Não te dás conta de que é a primeira vez que nós os dois, tu e eu, marido e mulher, conversamos seriamente? Em todos estes dois anos... sim, até mais... desde o nosso primeiro encontro, nunca trocámos uma palavra séria sobre coisas sérias. Não estou a falar das tuas preocupações. O que eu digo é que nunca falamos a sério, procurando chegar juntos ao fundo das coisas. Tu nunca me entendeste. Fui tratada com muita injustiça. Primeiro pelo meu pai, e depois por ti. Quando eu estava na casa do meu pai, ele dizia-me todas as opiniões dele e então essas eram as minhas opiniões. E se tivesse outras, eu escondia-as, porque ele não ia gostar. Ele chamava-me a sua criança boneca e brincava comigo, como eu brincava com as minhas bonecas. Depois vim morar na tua casa... Quer dizer que passei das mãos do meu pai para as tuas. Tu arrumaste tudo ao teu gosto e eu passei a ter o mesmo gosto que o teu, ou fingi que tinha, não sei bem... Quando eu olho agora, parece-me que vivi aqui como vive um pobre... que, de seu, mal tem a roupa do corpo. Tu e o meu pai cometeram um grande pecado contra mim. É de vocês a culpa de eu nunca ter sido alguém. Aqui fui a tua esposa boneca, assim como era a criança boneca na casa do meu pai. E os nossos filhos também foram as minhas bonecas. É isto o nosso casamento. E por isso... vou deixar-te.

(Texto adaptado de *Casa de Bonecas* de Henrik Ibsen)

Diálogo

NORA (*inquieta, tensa*): Quer falar comigo?

KROGSTAD: Sim, com a Sra.

NORA: Hoje? Mas ainda não é o dia primeiro.

KROGSTAD: Não, hoje é a véspera de Natal. E a alegria desta noite vai depender da Sra.

NORA: O que é que o Sr. quer? Hoje eu não posso, de modo nenhum.

KROGSTAD: Por enquanto, não vamos falar desse assunto. É outra coisa. A Sra. tem alguns minutos?

NORA: Tenho. Apesar de...

KROGSTAD: Ótimo. Eu estava no restaurante de Olsen e vi o seu marido descer a rua.

NORA: Ah, sim.

KROGSTAD: Na companhia de uma senhora.

NORA: E então...?

KROGSTAD: Posso fazer-lhe uma pergunta? Essa senhora não é por acaso a Sra. Linde?

NORA: É.

KROGSTAD: Acaba de chegar à cidade?

NORA: Sim, hoje.

KROGSTAD: Ela é sua amiga?

NORA: Sim, é. Mas não percebo...

KROGSTAD: Eu também a conheço há muito tempo.

NORA: Eu sei.

KROGSTAD: Ai sim? Então a Sra. já sabe da história. Foi o que eu imaginei. Posso fazer-lhe uma pergunta directa? A Sra. Linde vai ter um emprego no Aktiebanken?

NORA: Como se atreve a interrogar-me acerca disso, Sr. Krogstad? O Sr., que é um subordinado do meu marido? Mas já que pergunta vou-lhe dizer. Sim, a Sra Linde vai ter um emprego. E fui eu que a recomendei, Sr. Krogstrad. Agora já sabe.

KROGSTAD: Então eu tinha razão.

NORA (*começa a andar pela sala*): Como o Sr. vê, tenho alguma influência. Mesmo sendo mulher, isso não significa que... Quando se está numa posição subalterna, Sr. Krogstad, é preciso tomar cuidado para não ofender ninguém que...

KROGSTAD:...que tenha influência.

NORA: Exactamente.

KROGSTAD (*mudando de tom*): Sra. Helmer, pois tenha a bondade de usar a sua influência a meu favor.

NORA: O quê? O que quer dizer?

KROGSTAD: A Sra. teria a bondade de interceder para que eu continue na minha posição subalterna no banco?

NORA: Que significa isso? Quem é que está a pensar tentar tirar-lhe o seu emprego?

KROGSTAD: A Sra. não precisa fingir-se inocente à minha frente. Eu sei que a sua amiga não quer correr o risco de se encontrar comigo e, aliás, agora já sei a quem devo agradecer o meu despedimento.

NORA: Mas eu garanto que...

KROGSTAD: Está bem, está bem... só lhe digo isto: ainda há tempo, e eu aconselho-a a usar a sua influência para impedir que aconteça.

NORA: Mas, Sr. Krogstad, eu não tenho influência nenhuma.

KROGSTAD: Não tem? Tenho a impressão de a ter ouvido dizer que...

NORA: Valha-me Deus, Sr. Krogstad, eu não posso fazer nada para o ajudar.

KROGSTAD: Porque não quer. Mas eu tenho os meus meios para a obrigar.

NORA: O Sr. não vai contar ao meu marido que eu lhe devo dinheiro?

KROGSTAD: Humm... e se eu contasse?

NORA: Seria vergonhoso da sua parte. *(com um choro engasgado na garganta.)* Esse segredo, que é a minha alegria e o meu orgulho... ser descoberto de uma maneira tão feia e tão suja... revelado pelo Sr.... Ia-me deixar numa situação desagradável.

KROGSTAD: Desagradável, só?

NORA *(com ênfase)*: Faça como quiser. Será pior para si... o meu marido vai ver a espécie de homem o Sr. é. E, aí sim, perderá mesmo o seu emprego.

KROGSTAD: Pode até ser. Bom, faça como quiser. Mas eu aviso-a, se eu me afundar pela segunda vez, a Sra. far-me-á companhia.

Ele despede-se e sai atravessando a sala.

(Texto adaptado de *Casa de Bonecas* de Henrik Ibsen)